

O legado árcade no Brasil: a difícil mudança

*Melânia Silva de Aguiar**

Chamar-se-á a esta nova Academia – ARCÁDIA – e o lugar das suas conferências o monte *Mênalo*, bastantemente celebrado das frutas dos Pastores. Os seus alunos se fingirão de Arcades e escolherá cada um nome e sobrenome de pastor adequado a esta ficção, para por ele ser conhecido e nomeado em todos os exercícios e funções da Arcádia.

Com estas palavras, inscritas no capítulo I dos estatutos da Arcádia Lusitana, de 1756, os árcades portugueses direcionaram os trabalhos de uma nova etapa da produção literária em Portugal, inserindo-se na corrente estética e ideológica que, a partir da Itália, foi conquistando adeptos em toda a Europa.

No Brasil, em 1768, portanto doze anos depois, assistimos em Vila Rica, Minas Gerais, ao anúncio da criação, com o mesmo propósito, da Arcádia Ultramarina, tendo como patrono o novo governador de Minas Gerais, recém-chegado de Portugal, Luís da Cunha Meneses, Conde de Valadares. Na sessão comemorativa da posse do governador, reunidas as figuras locais proeminentes, são sugestivas as palavras de Cláudio Manuel da Costa, ou Glauceste Saturnio, pseudônimo pastoril com que se apresenta o poeta, encarregado de saudar em versos o jovem Conde. Referindo-se, em “Para terminar a Academia”,¹ à criação da Arcádia Romana pela Rainha Cristina da Suécia, que, na visão do poeta, se compadeceu das Musas ao vê-las vagar sem proteção e “lhes deu abrigo no seu magnífico Palácio”; lembrando ainda D. João V, o pastor Arete (também chamado Albano), sócio e protetor da mesma Arcádia Romana, Cláudio antevê, em paralelo, a proteção que o jovem Conde dispensará às Musas e o nascimento da Arcádia Ultramarina, “em um país acostumado mais a ouvir os rugidos das feras do que a harmonia das Musas”. São versos de louvor ao empossado o que se ouve na festiva ocasião:

* Professora titular de Literatura Brasileira da UFMG, doutora em Letras, leciona atualmente no Programa de Pós-graduação em Letras da PUC Minas. Estudiosa dos poetas árcades, é autora de edições críticas dos poetas Cláudio Manuel da Costa e Tomás Antônio Gonzaga.

Se agora por V. Exa. se vêem amparadas as Musas, converter-se-ão em maravilhosa metamorfose a barbaridade em polícia, a incultura em asseio, e o desalinho em gala.

Tudo devo esperar daquela nobilíssima, afável e nunca assaz louvada índole que em V. Exa. reconhecemos: ela nos dá lugar para desde já auspicarmos a época da nossa nascente Arcádia, no dia felicíssimo do seu natalício. Juntar-se-ão desde a maior distância os Pastores alistados; e entrarão com suas campanhas e nomes aqueles que agora se consideram peregrinos. Oh! dia para os nossos júbilos! Oh! época para as nossas felicidades! (1996: 341)

Já nesta sessão aparecem os nomes de Daliso e Lucinda, pseudônimos pastoris do Conde e da mulher, dona Luísa de Noronha; na imaginação do poeta, os dias que estão por vir serão semelhantes aos da Arcádia mitológica:

Parece que já reclinados sobre a relva se deixam ver os nossos músicos Pastores! As faias mais copadas, os álamos, os pinhos frondosos tecem vegetantes dosséis com que da calma se defendam; vagam sem temor pelos campos os esparzidos rebanhos; as feras os não perseguem, divertidos; entretanto toma Orisênio a fruta para cantar o seu Daliso; Glauceste uma inscrição lhe prepara ao nome; mimosas e sinceras Ninfas tecem coroas de flores para a formosa Lucinda: tudo respira delícia, tudo prazer. (1996: 341)

Nos trechos citados, extraídos do conjunto constituído por *O Parnaso obsequioso e Obras poéticas*, escrito por Cláudio em homenagem a Luís da Cunha Meneses e que viria a ter publicação póstuma,² observa-se que, ao mesmo tempo que tece elogios ao jovem Conde, o poeta vai pintando o estado de decadência em que se encontra a outrora opulenta capitania, com o esgotamento progressivo do ouro na região. E a esperança de dias mais prósperos, com a chegada do novo governador, mais do que expressão de um encômio de ocasião, apresenta-se como estratégia de envolvimento do homenageado nas dificuldades locais, com intenção deliberadamente política. D. José Luís de Meneses ficaria à frente do governo de Minas por quatro anos (1768 a 1772), não trazendo, como o poeta faz supor em sua utopia poética, os benefícios esperados. Pelo contrário, a situação se agrava dia a dia, e esta Arcádia Ultramarina, tão distante da Europa e de sua inspiração mitológica original, meio real e meio lendária, vai ganhando contornos próprios e seus adeptos se interessando cada vez mais pela realidade local; como instituição

criada no seio do poder, acaba por ser também bastante efêmera, como sua congênere portuguesa.

O ano da chegada do Conde de Valadares a Vila Rica (1768) é de grande importância para o conhecimento do Arcadismo no Brasil, pois se registram aí três acontecimentos literários da maior relevância:

- a) publica-se neste ano, 1768, em Coimbra, na “oficina de Luiz Secco Vieira”, as *Obras*, de Cláudio Manuel da Costa, primeira manifestação do Arcadismo no Brasil;
- b) em setembro deste ano, nas comemorações de posse do novo governador, recitando em palácio poemas vários, de cunho encomiástico, que viriam a constituir o que se chamou *Obras poéticas*, Cláudio anuncia, como se viu, a criação da Arcádia Ultramarina;
- c) em dezembro do mesmo ano, no aniversário do Conde, leva-se à cena o “drama” *O Parnaso obsequioso*, escrito por Cláudio também em homenagem ao novo governador.

Observe-se que tanto no volume das *Obras* como em *O Parnaso obsequioso* figura o pseudônimo árcade do poeta, Glauceste Saturnio, que neste último se diz criado pela Arcádia Romana e Vice-Custode da Colônia Ultramarina. Esta Colônia Ultramarina, ligada à Arcádia Romana, teria sido criada por empenho de Basílio da Gama, ou Termino Sepílio, membro comprovado da Arcádia Romana, que viria a publicar no ano seguinte, 1769, seu poema *Uruguai*. Sobre a existência desta Colônia Ultramarina pairam muitas dúvidas. Em 1993, Antonio Candido divulgou documento assinado pelo Custódio da Arcádia Romana, que registra, a propósito do diploma concedido a um poeta brasileiro de menor expressão, a existência, já em 1764, de uma Colônia Ultramarina.

A diferença de tom entre estas obras de 1768, ou seja, *Obras* e *O Parnaso obsequioso/Obras poéticas*, pode ser nitidamente acompanhada, verificando-se uma mudança gradual entre a primeira e as últimas.

No livro *Obras*, constituído, ao que se supõe, de poemas feitos parte nos tempos do poeta em Coimbra, parte estando ele já de volta e estabelecido em Minas Gerais, fazem-se ainda tímidos os louvores à terra de nascimento e são poucos os indícios de uma amorosa contemplação dos elementos locais; há mesmo em muitos destes poemas a expressão de um desconsolo, por não poder “substanciar aqui as delícias do Tejo, do Lima e do Mondego.” (1996: 47)

Já no volume de *O Parnaso obsequioso* e *Obras poéticas*, apesar da paisagem amena, com musas, ninfas e deuses em alegre convívio nos montes e

ribeiras, o futuro se anunciando cheio de promessas; apesar ainda dos louvores ao poder instituído, na pessoa do governador, percebe-se um tom mais realista, dramático mesmo, quando o poeta se refere a Minas como “uma nau soçobrada”, decadente. E completando um ciclo de amadurecimento político, o poeta se confessa envergonhado por ter invocado as ninfas do Tejo e do Mondego; as ninfas do “pátrio Rio”, isto é, do ribeirão do Carmo, turvo e feio de outros poemas, será daqui para a frente, na declaração do poeta, sua grande fonte de inspiração. A ele já havia dedicado nas *Obras* o poema “Fábula do Ribeirão do Carmo”; nessas *Obras poéticas*, no entanto, a confrontação com os rios de Portugal tem carga ideológica significativa, sendo indício claro de uma mudança de postura não só literária, mas também política, que reaparecerá com mais força anos depois. Diz o poeta:

Ninfas do pátrio Rio, eu tenho pejo
 Que ingrato me acuseis vós outras, quando
 Virdes que em meu auxílio ando invocando
 As Ninfas do Mondego, ou as do Tejo.
 (1996: 357)

É importante ressaltar que, como se viu, esta última produção de 1768 (*O Parnaso obsequioso* e *Obras poéticas*) só viria a ser publicada muitos anos após a morte de seu autor. Deduz-se que Cláudio, que já havia dado à edição o volume das *Obras*, não a tenha publicado por possível temor. Assim também sucedeu com obras posteriores do poeta, que desapareceram ou se preservaram apenas em manuscritos. Este é o caso do poema *Vila Rica*, concluído em 1773, e só publicado postumamente, em 1839, em Ouro Preto, já com a licença de funcionamento concedida a tipografias no Brasil.

Como explicar o desinteresse da parte de Cláudio quanto à publicação destas composições da maturidade, ele que, ainda em Portugal, estudante de Cânones na Universidade de Coimbra, iniciante nas letras, fez imprimir seus pesados poemas barrocos, alguns deles chegados à posteridade? Não será certamente a distância ou as dificuldades de se publicar na Metrópole estes poemas a razão maior; o mais provável é que o teor já não tão árcade e descompromissado de muitos destes versos, além do envolvimento crescente do poeta com os problemas locais, tenham fortalecido nele o temor de possíveis censuras. Alguns versos explosivos, como se vê, por exemplo, no poema *Vila Rica*, omitidos, como pudemos verificar, em edições e manuscritos diversos por nós localizados, mas presentes, em particular, num belo códice existente na Biblioteca Nacional de Lisboa

(cód. 6.799), poderiam explicar a não publicação do poema em vida do poeta. Nos dizeres que abrem o *Vila Rica*, permanece o pseudônimo pastoril adotado pelo poeta já em 1768 (Glauceste Satúrnio), bem como a referência à Arcádia Ultramarina. Da estética árcaica há, no entanto, muito pouco neste longo poema de dez cantos, que narra a fundação de Vila Rica, em 1711, por Antônio de Albuquerque. A difícil mudança que lentamente vai-se operando em Cláudio já aqui se vê com mais clareza, denunciando o sentimento nativista e as novas e revolucionárias idéias hauridas sobretudo em obras advindas da França.

De formação barroca, no contato com os jesuítas do Rio de Janeiro e na própria Universidade de Coimbra, onde ensaia seus primeiros versos de cunho claramente barroco, Cláudio traz da infância e da adolescência impregnação ainda mais forte: a de uma mentalidade e estilo de vida transplantados pelos aventureiros chegados a Minas em busca de ouro e riquezas, estilo de vida e mentalidade que aí se cristalizam, marcando fundamente estes povos isolados entre montanhas. As festas religiosas, a que o brilho do ouro, da prata e dos diamantes emprestam atmosfera de “ensueño”, tão cara ao barroco, além dos rebuscados jogos de linguagem da época, marcarão significativamente seu espírito e sensibilidade, e terão peso expressivo em suas obras, mesmo naquelas em que os novos ideais da Arcádia buscam expulsar os resíduos indesejáveis de uma estética já desgastada. O próprio poeta reconhece sua dificuldade em se expressar conforme a nova orientação estética, e numa alusão a Ovídio, lamenta no Prólogo ao Leitor, com que abre suas *Obras*, ver e aprovar o melhor, e seguir o contrário na execução (*Video meliora proboque; /Deteriora sequor*).

A porção arcádica de Cláudio nas *Obras*, inegavelmente, é o que melhor o representa como poeta, mas é nas composições posteriores, de edição póstuma, que aparecerá o teor político de sua poesia. Se como instituição nascida com determinado propósito estético, o espírito da Arcádia Ultramarina em fins de 1770 já não se mantivesse tão presente, seu sentido de fraternidade, de ideal compartilhado ressurgiria com vigor na década de 1780 nessa mesma Vila Rica, sede do governo e centro das decisões da capitania.

Com a designação de Inácio José de Alvarenga Peixoto, em 1776, para ouvidor na comarca do Rio das Mortes, com sede em São João del-Rei, e ainda com a chegada de Tomás Antônio Gonzaga a Vila Rica, como ouvidor, em 1782, constituiu-se o grupo que viria a realizar no Brasil o que de mais expressivo se criou dentro do lirismo arcádico, e o que melhor testemunha a mudança da mentalidade política da época. Às esperanças expressas nos poemas de 1768 por Cláudio Manuel da Costa, poeta experiente, amigo e conselheiro dos demais em matéria literária, viriam juntar-se os ideais de Gonzaga

e Alvarenga, já agora claramente vinculados às idéias ilustradas, em circulação crescente entre os poetas e intelectuais de Minas tocados pelo novo credo.

Tem-se de fato conhecimento de uma ativa troca de idéias e de informações neste período entre os habitantes das Minas. Nos *Autos da Devassa da Inconfidência Mineira*, onde se estampam os depoimentos dos réus envolvidos no movimento libertário surgido em Minas em 1789, fica evidenciada a circulação local de obras consideradas subversivas, e passadas de mão em mão entre os moradores mais notáveis, descontentes com a administração da Metrópole. Sabe-se, por exemplo, que o Cônego Luís Vieira da Silva, de Mariana, possuía em sua casa cerca de 270 obras, com 800 volumes, sendo algumas delas de autores proibidos à época pelo teor político revolucionário de suas idéias. Foram encontradas entre os livros dos inconfidentes obras de Voltaire, Montesquieu, Diderot, d'Alembert, e mesmo Tiradentes, um simples alferes, possuiu uma destas obras em francês, o *Tratado das leis constitutivas dos Estados- Unidos da América*. Não tendo acesso fácil ao idioma, solicitava ajuda para a leitura de tão precioso volume, certamente responsável em parte pelos sonhos de liberdade do alferes e por sua perdição, como réu de majestade que viria a ser. Cláudio, Gonzaga e Alvarenga tiveram participação ativa nesta troca de idéias e informações, como se deduz dos depoimentos, e suas bibliotecas, como a do Cônego, foram devassadas pelos inquisidores.

Não vamos aqui nos deter, nesta breve exposição, em outros poetas árcades do tempo, integrantes do chamado grupo mineiro, residentes em Portugal, como os épicos Basílio da Gama e Frei José de Santa Rita Durão, ou ainda o lírico e satírico Manuel Inácio da Silva Alvarenga, de pseudônimo Alcindo Palmireno, autor de *Glaura – poemas eróticos* (de 1799), obra de notável lirismo e rigor construtivo, e ainda de *O desertor das letras* (de 1774), poema herói-cômico que ataca o ensino escolástico e defende a reforma da Universidade empreendida por Pombal. Poeta mais jovem que os anteriores, viria a sofrer a prisão em 1794, no Rio de Janeiro, fato que demonstra a permanência da repressão dos tempos anteriores. Conforme nos informa Eduardo Frieiro (1981, p. 48), o autor de *Glaura* era considerado pelo desembargador-chanceler Antônio Dinis da Cruz e Silva, um “energúmeno infernal”, por ler e dar a ler “essas doutrinas subversivas a seus discípulos na aula de retórica e poética”.

Os poetas radicados em Minas, isto é, Cláudio Manuel da Costa, Inácio José de Alvarenga Peixoto e Tomás Antônio Gonzaga, se como colonizados ultramarinos deram novo alento aos ideais estéticos do Arcadismo, foram também os responsáveis pelas mudanças que os novos tempos exigiam, com afastamento progressivo das ribeiras e campos ridentes.

Tomás Antônio Gonzaga, natural do Porto e egresso da Universidade de Coimbra, autor da mais famosa obra lírica do século em língua portuguesa – *Marília de Dirceu* – se mostra perfeitamente adaptado à estética árcade, o que não o isenta de resquícios barrocos aqui e ali, visíveis em certos torneios de linguagem e predileções temáticas. Seu estilo mais moderno, no entanto, a naturalidade com que expressa o sentimento amoroso, a cadência melódica da frase, a expressão de sinceridade com que narra seu sofrimento como enamorado e como prisioneiro contribuíram certamente para seu sucesso junto ao público, sucesso que perdura até nossos dias. O poeta parece ter consciência da duração de sua obra, pois, em uma de suas líras (III, Parte 3), dirigindo-se a Marília, pseudônimo da noiva Maria Dorotéia Joaquina de Seixas Brandão, dirá:

Se encontrares louvada uma beleza,
 Marília, não lhe invejes a ventura,
 Que tens quem leve à mais remota idade
 A tua formosura.
 (1996: 687)

De Inácio José de Alvarenga Peixoto, pouca coisa chegou à posteridade e, embora pequena, a porção que se salvou (33 poemas) dá mostras suficientes da habilidade poética de Alceu, nome pastoril de Alvarenga. O incansável estudioso português do setecentos mineiro, Manuel Rodrigues Lapa, é responsável pela localização de alguns dos poemas esparsos de Alvarenga Peixoto, e sua edição de 1960 (MEC/INL) é ainda hoje referência obrigatória para os estudos do poeta.

Esta última fase do Arcadismo em Minas Gerais, década de 1780, não produziu apenas obras líricas; o estro de nossos poetas nutriu-se de outras inspirações, mais comprometedoras. Trabalhando com a tradição, estes poetas mineiros do setecentos, apenas em parte, endossaram o modelo vigente; a ambigüidade do discurso, usada como disfarce da voz narrativa por excelência, pode ser rastreada em muitas composições do período. Dá-se aqui o que Ricardo Piglia chamou de “mirada estrábica”, expressão aplicada a escritores latino-americanos:

La conciencia de no tener historia, de trabajar con una tradición olvidada y ajena, la conciencia de estar desplazado e inactual. Podríamos llamar a esa situación la mirada estrábica: hay que tener un ojo puesto en la inteligencia europea y el otro puesto en las entrañas de la patria. (PIGLIA, 1991: 61)

Ao mesmo tempo que atento ao modelo, o olhar deste escritor de aquém-mar se fixa num outro ponto, num estrabismo buscado, que gera a fresta da ambigüidade, do questionamento subjacente, da insatisfação. A análise do período setecentista no Brasil e de sua produção discursiva atesta esta mirada estrábica.

Não é outro o olhar de Alvarenga Peixoto em seu “Canto genético”: saudando o nascimento de um filho de D. Rodrigo José de Meneses, governador de Minas de 1780 a 1783, vale-se da oportunidade para cantar os nascidos em terras americanas e que, embora filhos de estrangeiros, já principiam a ser “patrícios nossos”. Veja-se o tom de orgulho incontido e de velada revolta, mesclado às louvações ao poder instituído:

Bárbaros filhos destas brenhas duras,
 Nunca mais recordeis os males vossos;
 Revolvam-se no horror das sepulturas
 Dos primeiros avós os frios ossos:
 Que os heróis das mais altas cataduras
 Principiam a ser patrícios nossos:
 E o vosso sangue, que esta terra ensopa,
 Já produz frutos do melhor da Europa.
 (1996: 976)

E numa referência clara à realidade local e ao valor dos homens que nela labutam, exclama:

Isto, que Europa barbaria chama,
 Do seio das delícias, tão diverso,
 Quão diferente é para quem ama
 Os ternos laços de seu pátrio berço!
 (...)
 “Estes homens de vários acidentes,
 Pardos e pretos, tintos e tostados,
 São os escravos duros e valentes,
 Aos penosos trabalhos costumados:
 Eles, mudando aos rios as correntes,
 Rasgam as serras, tendo sempre armados
 Da pesada alavanca e duro malho
 Os fortes braços feitos ao trabalho.

(...)

“Se o justo e útil podem tão somente
Ser o acertado fim das ações nossas,
Quais se empregam, dizei, mais dignamente,
As forças destes ou as forças vossas?
Mandam a destruir a humana gente
Terríveis legiões, armadas grossas;
Procurar o metal, que acode a tudo,
É destes homens o cansado estudo.

São dignos de atenção...”

(1996: 976-978)

Em Tomás Antônio Gonzaga, o envolvimento amoroso com Maria Dorotéia, inspiradora de seu canto, a proximidade com outras cabeças pensantes da capitania, e o acesso às novas idéias sopradas de fora terão tido influência sobre o espírito do poeta nos poucos anos vividos em Minas (1782-1789). Suas *Cartas chilenas*, que circularam em manuscritos anônimos em Vila Rica por volta de 1786, constituem uma candente sátira contra o então governador Luís da Cunha Meneses, chamado aí “Fanfarrão Minésio”. Oculto sob o criptônimo de Critilo, o autor das Cartas pôde vergastar os poderosos e manifestar sua simpatia pelos pobres presos, doentes e febris, submetidos a um trabalho árduo e sem descanso, na construção do edifício da cadeia. E ainda que haja nestas Cartas manifestações de apreço pela submissão dos povos conquistados às leis dos monarcas, o que domina é a imprecação contra os mandatários do poder real e a simpatia pelos desvalidos locais, como se vê nos versos seguintes:

Ora pois, louco chefe, vai seguindo
a tua pertensão, trabalha embora
por fazer imortal a tua fama:
levanta um edifício em tudo grande,
um soberbo edifício, que desperte
a dura emulação na própria Roma.
Em cima das janelas e das portas
põe sábias inscrições, põe grandes bustos,
que eu lhes porei, por baixo, os tristes nomes
dos pobres inocentes que gereram
ao peso dos grillhões, porei os ossos

daqueles que os seus dias acabaram,
 sem Cristo e sem remédios, no trabalho.
 E nós, indigno chefe, e nós veremos
 a quais destes padrões não gasta o tempo.
 (1996: 828)

A ambigüidade de que vem revestida boa parte do discurso setecentista em Minas Gerais, apontada, por vezes apressadamente, como contradição ou instabilidade ideológica de nossos escritores poderá sugerir pontos positivos e merecedores de atenção:

1. a ambigüidade é a fresta por onde se insinua o descontentamento e a reivindicação;
2. sua existência só é possível graças a um vislumbre de mudança e à esperança de melhores dias;
3. ela testemunha um momento de tensão, de cruzamento de forças opostas, impensável em momento anterior e por demais arriscado na fase imediatamente posterior.

Walter Benjamin, falando da História, observa que “articular historicamente o passado não significa conhecê-lo ‘como ele de fato foi’” (1985: 224); na verdade, tudo o que podemos colher daí é um amontoado de ruínas. Nessa breve exposição, o que pudemos mostrar não passa de um fragmento destas ruínas, ou seja, daquilo que estes discursos ambíguos remanescentes sugerem.

Ainda assim, é a partir da ambigüidade de certo discurso setecentista que nos é possível ler, nos avessos do texto, as limitações da época e entrever a difícil mudança a que estiveram sujeitos os poetas do setecentos em Minas Gerais.

Rer ler estes poemas é reconhecer, além das marcas da tradição anterior, os sinais formadores de uma nova tradição; é deixar-se instigar pela busca de respostas para a permanência de determinados textos ou sua ratura; é refletir sobre as releituras que destes poetas se fizeram, tornando-os de algum modo “precursores” de conhecidas reescrituras; é, mais que nada, refletir sobre a interferência, na cadeia da tradição, de mecanismos ideológicos reguladores da recepção.

Bibliografia

- BENJAMIN, Walter. *Obras Escolhidas. Magia e técnica, Arte e política*. Trad. Sérgio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1985.
- FRIEIRO, Eduardo. *O diabo na livraria do Cônego*. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: Editora da USP, 1981.
- LAPA, Manuel Rodrigues. *Vida e obra de Alvarenga Peixoto*. Rio de Janeiro: MEC/INL, 1960.
- MELO FRANCO, Caio de. *O inconfidente Cláudio Manuel da Costa*. Rio de Janeiro: Schmidt, 1931.
- PIGLIA, Ricardo. Memoria y tradición. *Anais do 2º Congresso ABRALIC*, Belo Horizonte, UFMG, v. 1, p. 60-66, 1991.
- PROENÇA FILHO, Domicio (org.). *A poesia dos inconfidentes: poesia completa de Cláudio Manuel da Costa, Tomás Antônio Gonzaga e Alvarenga Peixoto*. Artigos, ensaios e notas de Melânia Silva de Aguiar [et al.] Rio de Janeiro: Nova Aguiar, 1996.

Notas

1As citações das obras dos poetas aqui focalizados foram extraídas de *A poesia dos inconfidentes: poesia completa de Cláudio Manuel da Costa, Tomás Antônio Gonzaga e Alvarenga Peixoto*. Organização Domicio Proença Filho; artigos, ensaios e notas de Melânia Silva de Aguiar... [et al.]. Rio de Janeiro: Nova Aguiar, 1996.

2 Caio de Melo Franco publicou pela primeira vez estes escritos a partir de um manuscrito localizado por ele em Paris, e que teria pertencido ao poeta José Maria Herédia. Veja-se *O inconfidente Cláudio Manuel da Costa*. Rio de Janeiro: Schmidt, 1931.

Resumo

A produção literária dos principais poetas do setecentos em Minas Gerais, embora sabidamente tenha chegado incompleta a nossos dias e, muitos de seus poemas, de forma lacunar, oferece um volume razoável de composições que possibilitam avaliar sua qualidade e importância no sistema literário brasileiro. Cláudio Manuel da Costa, Tomás Antônio Gonzaga e Inácio José de Alvarenga Peixoto, em proporções diferentes, tiveram preservada parte de sua produção poética. Releer estes poemas é reconhecer, além das marcas da tradição anterior, os sinais formadores de uma nova tradição; é deixar-se instigar pela busca de respostas para a permanência de determinados textos ou sua rasura; é refletir sobre as releituras que destes poetas se fizeram, tornando-os de algum modo “precursores” de conhecidas reescrituras; é, mais que nada, refletir sobre a interferência, na cadeia da tradição, de mecanismos ideológicos reguladores da recepção.

Palavras-chave: arcadismo; poesia; tradição; Minas Gerais.

Abstract

The literary production of the main poets of the XVIIIth century in Minas Gerais, although to have arrived incomplete to date, and many of its poems present missing gaps, offers a reasonable amount of compositions that allow us to evaluate its quality and importance in Brazilian literary system. Cláudio Manuel da Costa, Tomás Antônio Gonzaga and Inácio José de Alvarenga Peixoto, in different proportions, are authors whom had preserved part of its poetic production. To read these poems again is to recognize, beyond the marks of the anterior tradition, the forming signs of a new tradition; it is to be instigated towards answers for the permanence of certain texts or their erasure; it is to reflect over the readings that were made of these poets, making them somehow “precursors” of known rewritings; it is, most of all, to think over the interference, in the chain of tradition, of reception’s regulatings ideological mechanisms.

Keywords: poetry; tradition; ideology; Minas Gerais